

Ano XX nº 5687 – 06 novembro de 2017

Categoria adocece em ambiente nocivo

A reestruturação do setor bancário, nos últimos 20 anos, com forte concentração, redução drástica no número de funcionários e busca incessante pela lucratividade, impuseram um novo modelo das relações de trabalho, que tem impacto direto no trabalhador. Mais especificamente na saúde. Houve um aumento, sem precedentes, no número de adoecimento dos funcionários.

O índice alto é reflexo da rotina do bancário. Metas, assédio e sobrecarga são alguns fatores que contribuem para o surgimento de doenças de cunho psíquico e osteomuscular. Além da já conhecida LER/Dort (Lesões por Esforços Repetitivos), a incidência de depressão tem sido grande entre a categoria.

Os traumas são decorrentes não só do ambiente hostil, mas também das situações de violência a que são expostos os bancários. Muitas vezes, o funcionário, mesmo acometido por doença ou vítima de acidente, tem de continuar com as atividades laborais. Muitos bancos se negam a emitir a Comunicação de Acidente de Trabalho, um dos recursos que contribuem para dar visibilidade aos agravos à saúde, por não quererem reconhecer o agravamento da lesão em função do acidente de trabalho.

Jornal confirma:

Bradesco demite e fecha agências para aumentar lucro

Uma reportagem publicada no jornal Valor Econômico da última semana, atestou as afirmações do movimento sindical de que o Bradesco, assim como os demais bancos que atuam no país, tem usado a estratégia da redução de pessoal e de postos de atendimento para aumentar ainda mais seus lucros já astronômicos.

O banco obteve um Lucro Líquido Ajustado de R\$ 14,162 bilhões nos nove primeiros meses de 2017. O número representa um crescimento de 11,2%, em relação ao mesmo período de 2016 e de 2,3% no trimestre.

Segundo o jornal, o banco fechou 223 agências somente no terceiro trimestre de 2017, reduzindo sua rede para 4.845 unidades no final de setembro. Após a incorporação do HSBC, em setembro de 2016, o banco chegou a ter 5.337 agências. A reportagem informa ainda que Alexandre Glüher, vice-presidente responsável pelas áreas de relações com investidores e gestão de riscos do banco, disse que "os ajustes continuarão a ocorrer para ajustar a estrutura à necessidade dos clientes".

Além de fechar unidades, a redução do quadro de pessoal também faz parte desses "ajustes". A holding encerrou setembro de 2017 com uma redução expressiva de 9.234 postos de trabalho em relação ao mesmo mês no ano passado, apesar da incorporação dos trabalhadores HSBC, que tinha aproximadamente 20 mil trabalhadores. Atualmente, o quadro de funcionários conta com 100.622 empregados.



Desigualdade entre homens e mulheres AUMENTA no mundo

Depois de uma década de progresso lento, mas contínuo, em direção à igualdade de gênero, pela primeira vez o Fórum Econômico Mundial constatou aumento das disparidades entre homens e mulheres no planeta. A informação consta do Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2017, divulgado na última quinta-feira 02/11, pela organização. Por causa da queda da participação feminina na política, o Brasil caiu 11 posições em apenas um ano.

O estudo indica que 68% da desigualdade de gênero no planeta foi combatida, contra 68,3% em 2016 e 68,1% em 2015. Todos os quatro pilares do relatório apresentaram piora na comparação entre homens e mulheres: acesso à educação, saúde e sobrevivência, oportunidade econômica e empoderamento político. Até o ano passado, os dois últimos itens vinham apresentando evoluções.

Pelo cálculo atual, seriam necessários 100 anos para acabar com a desigualdade de gênero em todo o mundo. No ano passado, a previsão era 83 anos. A pior situação é a do mercado de trabalho, em que a organização estima que são necessários 217 anos para acabar com a desigualdade, mesmo com mais da metade dos 144 países pesquisados tendo melhorado no item nos últimos 12 meses.